

ções arqueológicas da área do Concelho, centradas nos monumentos dolménicos. Nos estudos publicados dá-nos notícia da existência de 33 antas <sup>(16)</sup>. E muitas outras riquezas arqueológicas esconde, em seu seio, o Concelho do Crato.

Pelas facilidades dadas e informações prestadas em ordem ao estudo desta inscrição, testemunha-se o melhor agradecimento aos Rev.<sup>os</sup> Padre Augusto Dias Lopes, do Seminário de Portalegre, e Dr. Manuel Rodrigues Vermelho.

D. DOMINGOS DE PINHO BRANDÃO

---

### Notas sobre o casamento na Aldeia da Mata

Aldeia da Mata é uma das mais importantes freguesias do concelho do Crato, Alto Alentejo.

Fica a oeste, e a 8 km, da vila do Crato, numa altitude de uns 219 m, assente na cumiada dum monte com a orientação norte-sul.

Em sua volta os terrenos são pobres com abundantes afloramentos graníticos.

---

<sup>(16)</sup> Agostinho Isidoro, *Esboço arqueológico do Concelho do Crato (Alto Alentejo)*. «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», XLIV (Porto, 1962), pp. 206-228; Idem, idem, *Novos elementos*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», XIX-1 (Porto, 1963), pp. 71-75, XIX-2 (Porto, 1963), pp. 174-177, XIX-2-3 (Porto, 1964), pp. 353-359; Idem, *Escavações em dólmenes do Concelho do Crato (Alto Alentejo)*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», XX-1-2 (Porto, 1966) pp. 29-57 e XX-3-4 (Porto, 1967-1968), pp. 285-297. Ver ainda, Idem, *Escavações em dólmenes do Concelho do Crato (Alto Alentejo)* — III, «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», LIV, fasc. 1 e 2; Idem, *Escavações em dólmenes do Concelho do Crato (Alto Alentejo)* — IV, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», XXII, fasc. 1, onde se insere este nosso trabalho. Os dois últimos artigos, publicados em separata, fazem parte da colecção «Trabalhos do Instituto de Antropologia — Dr. Mendes Corrêa» com os números 6 (Porto, 1970) e 9 (1971). Todos os artigos citados nesta nota são ilustrados, tendo o primeiro e dois últimos numerosos extratextos.

O censo de 1960 dá-lhe uma população de 1172 almas e 411 fogos.

Nestes últimos anos a população tem diminuído muito por causa do êxodo de muitos dos seus habitantes, como tem acontecido em muitas outras terras do nosso país.

Uns, emigram definitivamente, outros, fazem *temporadas* de trabalho na Beira-Baixa e Ribatejo, na época das lenhas, nas vindimas e na apanha da azeitona.

Aldeia da Mata perdeu já muitos dos seus costumes antigos e aspectos da sua vida comunitária, como os *fornos de cozer o pão*, a *adua*, etc., por causa das fáceis comunicações ferroviárias e rodoviárias, com outras povoações e vilas.

No entanto conserva ainda no casamento dos seus filhos muito do ritual do passado.

Nesta aldeia, quando nasce uma filha a um casal, é preocupação da mãe, começar a tratar do enxoval do seu casamento, cujas peças depois de compradas, vão sendo colocadas numa arca.

As peças são as mais variadas, desde roupas da cama, designadas por *fato*, às louças de porcelana e de esmalte, até às de ouro tais como: anéis, fio de ouro, grilhão e cordão.

Muitas destas peças são compradas nas feiras realizadas anualmente em Flor da Rosa, Crato, Chança, Ponte do Sor, Nisa, Portalegre, etc..

Na Aldeia da Mata, com raras excepções, os casamentos são realizados entre os seus habitantes. Mesmo aqueles que na idade do namoro a vida leva para outras regiões, não partem sem deixar ali a sua *conversada*.

Depois do namoro, que é mais ou menos longo, e que durante muito tempo era consentido em dias determinados e sob os olhares da mãe, os pais do rapaz vão a casa dos pais da rapariga e pedem a filha para o filho.

Geralmente os casamentos ali são realizados com o agrado dos pais.

O pregão do casamento é feito na igreja ou no registo civil, três meses antes do dia marcado para a *voda*.

Neste dia o noivo procura os rapazes da sua idade, casados ou solteiros e faz-lhes o convite nestes termos: «Vou-me casar (e diz

o dia). Queres vir ao meu casamento?». A noiva procede de igual modo para com as raparigas da sua idade, mas solteiras, ou de idade inferior à sua, e também solteiras.

Pode também convidar uma rapariga casada da sua idade, mas isto é pouco frequente.

No dia do pregão os pais dos noivos convidam também as suas famílias para o casamento. Qualquer convite feito fora deste dia pode ser considerado como ofensivo pelos convidados.

Uns 15 dias antes do casamento os pais dos noivos mandam aos convidados um presente de bolos caseiros, designado por *frete*, constituído por 1 pão de ló, 1 bolo de orelha ou fatia, 1 dúzia de biscoitos e argolas.

Os convidados são obrigados a fazerem as seguintes ofertas:

Os do noivo oferecem-lhe 50\$00 cada um, importância a ser entregue no dia do enlace à noite, após o *acompanhamento* dos noivos, já em casa deles.

Os da noiva oferecem-lhe uma *prenda*, no valor de 20\$00 a 30\$00 e dão aos pais da noiva a importância de 20\$00, um quilo de arroz, um quilo de massa, um quilo de açúcar e uma quarta de *café de cevada* (250 g).

Os convidados dos pais dos noivos pagam 100\$00 por casal ou 50\$00 cada um.

Os padrinhos dos noivos são obrigados a dar uma *conta de pão* (20 pães de quilo), uma cabeça de gado (ovelha ou cabra), no valor de uns 400\$00 a 500\$00, 10 litros de vinho, um quilo de arroz, um quilo de massa, um quilo de açúcar, um quilo de chouriço vermelho, um pacote de café e um *lacão* (perna de porco).

As madrinhas são também obrigadas a dar uma *conta de pão*, uma dúzia de pratos de louça ou de esmalte, um lençol de linho ou de outro tecido, um quilo de arroz e um quilo de *lacão*.

Antigamente os padrinhos davam ainda uma quarta de grão (cerca de 4 litros) e um *bucho* (estômago de porco cheio de sangue e de gordura de porco com condimentos e depois cozido), que tem um sabor agradabilíssimo.

\*

\* \*

A *voda* ou *função*, designações que ali dão à festa do casamento, tem normalmente a duração de dois dias e um *quartel*: tarde de sábado, todo o domingo e toda a segunda-feira seguinte.

Esta festa é realizada pelos pais dos noivos separadamente uns dos outros, isto é, os pais do noivo realizam-na em sua casa e os da noiva na sua casa também.

O dia da cerimónia religiosa ou civil é geralmente o domingo. No sábado de tarde e no domingo os noivos comem ainda na casa dos pais. Na segunda-feira o pequeno almoço é-lhes levado a casa deles de casa dos pais dele ou dela. As refeições seguintes, nesta primeira semana, são-lhes oferecidas, ora na casa dos pais do noivo, ora na casa dos pais da noiva. Por isso diz-se ali que na semana a seguir ao casamento os *noivos andam ainda a comer da voda*.

Durante os dias da *voda*, as refeições, que são abundantísimas, são servidas, separadamente nas casas dos pais dos noivos.

Os pais dos noivos chegam a matar uma dúzia de cabeças de gado (ovelhas ou *badanas* e cabras) (fig. 1) e vários galináceos.

Nestas *funções* não falta o arroz de *maranhos* (arroz cozido com pequenas porções de intestino delgado do gado abatido), as sopas de *sarapatel* <sup>(1)</sup>, o *açogado* <sup>(2)</sup>, o cozido à portuguesa, os bolos, o arroz-doce, o vinho em abundância, etc..

Estas iguarias são cozinhadas em grandes panelas e caçolas de barro, compradas a oleiros de Flor da Rosa, que no dizer do povo, lhes conferem um sabor especial <sup>(3)</sup>.

Chegada a hora da cerimónia nupcial, na tarde de domingo, os noivos, preparados em casa dos seus pais, despedem-se deles pedin-

---

(1) Sopa de pão feita com sangue e fígado de ovelha cozidos, a que juntam cominhos, etc.

(2) Carne de ovelha ou de cabra, cozida aos bocados, designados depois de cozidos por *presas*, com molho, etc.

(3) Agostinho Isidoro, *O Centro Oleiro da Flor de Rosa (Concelho do Crato — Alto Alentejo)*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», vol. XIX, fasc. 2, Porto, págs. 145 a 168, 5 figs.

do-lhes a bênção e abraçam a família mais chegada. São momentos de choro para todos, por se recear da *sorte* dos nubentes.

Agora o noivo, acompanhado dos seus convidados (fig. 2), deixa a casa paterna e vai a pé buscar a noiva, que se encontra em casa dos pais dela. Aqui forma-se o cortejo nupcial. A noiva vai à frente vestida a rigor, ladeada pelos seus padrinhos e o noivo segue atrás, também ladeado pelos seus padrinhos, todos seguidos pelos convidados (fig. 3). Os espectadores, entre os quais há amigos dos noivos, mas que não foram convidados e muitos curiosos (fig. 6), formam grupos ao longo do trajecto do cortejo nupcial.

Terminada a cerimónia, os noivos, ao lado um do outro e com o *acompanhamento* atrás, regressam a casa dos pais da noiva (fig. 4), onde esta ficará até à noite, à espera que o noivo e os convidados a vão buscar.

Aqui a madrinha da noiva, colocada na janela da casa ou na soleira da porta, atira aos convidados e a pessoas estranhas ao casamento, que sempre se juntam nessa ocasião na rua em frente à casa, amêndoas, rebuçados, nozes e amendoins (*ervelhanas*). Isto dá origem a grande rebuliço e até a gritaria, pois todos querem apanhar à uma o que a madrinha lhes atira. É altura para encontrões, quedas e às vezes atritos pessoais.

A seguir é servido um copioso *copo de água* a todos os convidados, constituído especialmente por muita variedade de bolos e diversas bebidas, após o qual o noivo com os seus padrinhos e todos os convidados se dirige para casa dos seus pais (fig. 5), onde a sua madrinha atira também amêndoas, rebuçados, etc.

Aqui é servido outro *copo de água* a todos os convidados, semelhante ao anterior.

O resto da tarde de domingo é destinada a divertimentos. Uns dão voltas às ruas em grupos, outros, os mais jovens, realizam *balhos*, que se prolongam pela noite adiante.

À noite, pelas 23 horas, o noivo e os seus convidados vão em cortejo buscar a noiva a casa dos pais. A seguir todos os convidados acompanham os noivos a casa deles.

De madrugada, alguns convidados, especialmente os mais jovens, colocados em frente à casa dos noivos, fazem o *descante*,



Fig. 1 — O pai da noiva leva às costas uma das várias ovelhas para matar para o casamento.



Fig. 2 — O noivo à frente dos seus convidados vai buscar a noiva a casa dos pais dela.



Fig. 3 — Cortejo nupcial com a noiva à frente e o noivo atrás.



Fig. 4 — Os noivos após a cerimónia nupcial regressam a casa dos pais da noiva, seguidos do *acompanhamento*.

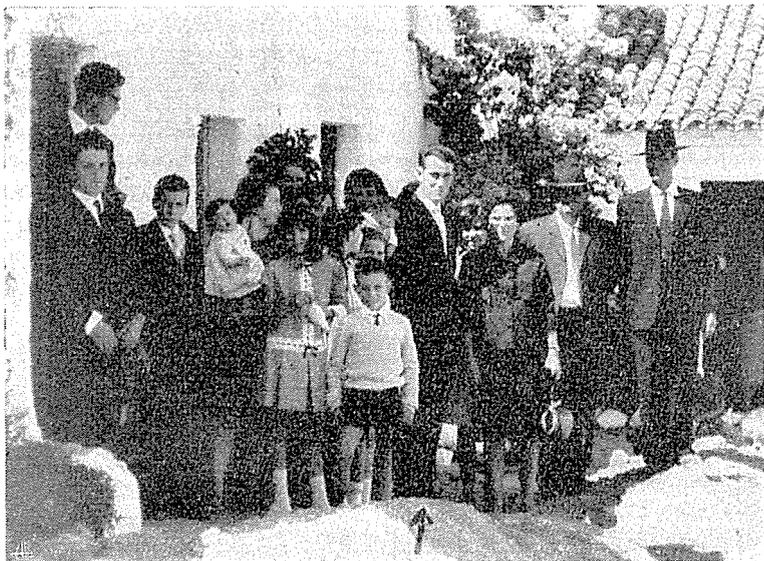


Fig. 5 — O noivo ao centro com um grupo de convidados ao chegar a casa dos pais para o *copo de água*.



Fig. 6 — Um grupo de espectadores assiste à passagem do cortejo nupcial.

que consiste no cântico plangente de várias quadras alusivas aos noivos, após o qual lhes servem bolos e bebidas.

A nós disseram-nos as seguintes:

*O noivo mais a noiva,  
São dois raminhos de enleio!  
A mulher que aí tens,  
É um vaso do asseio.*

*O noivo mais a noiva,  
São dois ramos de salsa cruál  
Debaixo da vossa cama,  
Põe-s'ó sol e nasce a lua.*

*O noivo mais a noiva,  
São raminhos da Primavera!  
Levanta-te e abre a porta,  
Qu'estou à tua espera.*

*O noivo mais a noiva,  
São dois raminhos floridos!  
Pelo vinho e pelos bolos,  
Ficamos agradecidos.*

*O noivo mais a noiva,  
Na vossa cama deitados,  
Pelos bolos e pelo vinho,  
Ficamos obrigados.*

Desde menino que, na Aldeia da Mata, minha terra natal, tenho assistido e participado em muitos casamentos.

Pode afirmar-se que estes se têm mantido segundo as normas descritas nesta nota.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa»  
Maio de 1971

AGOSTINHO F. ISIDORO